

DIMENSÕES RELEVANTES PARA O ÊXITO DOS PROGRAMAS DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

DOI: 10.5935/2177-6644.20180010

RELEVANT DIMENSIONS TO
THE SUCCESS OF
INTERNATIONAL ACADEMIC
MOBILITY PROGRAMS

DIMENSIONES RELEVANTES
PARA EL ÉXITO DE LOS
PROGRAMAS DE MOVILIDAD
ACADÉMICA INTERNACIONAL

Raphael Viana Couto *

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas.** Curitiba: Appris, 2017.

Dentro de um contexto de crescimento do volume e da relevância da internacionalização educacional, Luciane Stallivieri apresenta, em sua obra, parte de suas experiências pessoais e profissionais – pessoais, na condição de estudante em instituições estrangeiras; profissionais, como membro de entidades de fomento à mobilidade estudantil e responsável pelo Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Caxias do Sul. Com percurso de dedicação ao tema da internacionalização e intercâmbio, Stallivieri produziu significativos estudos acadêmicos, com especial atenção à dissertação de mestrado intitulada “A Internacionalização nas Universidades Brasileiras: o caso da Universidade de Caxias do Sul”, e também à sua tese de doutorado: “As Dinâmicas de uma Nova Linguagem Intercultural na Mobilidade Acadêmica Internacional”. A dissertação resultou no livro “Estratégias de Internacionalização das Universidades Brasileiras”, publicado em 2014 pela EDUCS. Com experiência e atuação voltada à internacionalização, Stallivieri foi presidente da Faubai – Brazilian Association of International Education; secretária da presidência da

* Graduado em Direito pela Associação Catarinense de Ensino – ACE. Aluno especial do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) - Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão. E-mail: adv_couto@hotmail.com

Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP); secretária da Organização Universitária Interamericana (OUI); membro do Comitê Assessor de Cooperação Internacional da Capes e da Comissão de Internacionalização do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (Crub). Com atuação em universidades na Venezuela, em Porto Rico e no México, Stallivieri conquistou um significativo espaço no debate que trata do papel da internacionalização das universidades brasileiras, questão, aliás, que não pode mais ser negada ou mascarada. A universidade brasileira precisa se integrar à discussão e à produção da ciência internacional, com pena de ficar à margem das mudanças tão previsíveis para as próximas décadas.

Nesta obra, dividida em sete capítulos, Luciane Stallivieri trabalha o conceito de internacionalização das instituições de Ensino Superior. A autora trata do tema Educação relacionando-o com a mobilidade acadêmica internacional e seus programas, bem como aponta os aspectos relevantes para o sucesso da implantação de um Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional – que podemos chamar, simplesmente, de "programa de internacionalização" –, além de também elencar seus pontos críticos.

A ideia central é demonstrar de que forma seria possível melhorar o desempenho dos alunos que participam de programas de mobilidade acadêmica internacional, podendo servir de auxílio a gestores educacionais desse setor.

Stallivieri defende que as instituições de Ensino Superior que visem desenvolver projetos de internacionalização deveriam focar seus investimentos de maneira aguda na formação de professores e de alunos, buscando a capacitação em idiomas estrangeiros e a inserção em programas de intercâmbio condizentes com a sua realidade. A autora argumenta que há um movimento mundial pela internacionalização da Educação Superior, apresentando gráficos e dados estatísticos que embasam o seu relato, dentre os quais se destaca o demonstrativo de crescimento da demanda global por educação superior internacional elaborado em 2014 pela OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que projeta 8 milhões de estudantes internacionais em 2025, bem como os dados brasileiros sobre o setor, que enviou, em 2005, cerca de 20 mil estudantes ao exterior e, em 2016, quase 93 mil somente pelo Programa Ciências Sem Fronteiras. A autora defende que esse fenômeno está mudando os rumos do setor e deve ser caráter determinante para a integração da ciência universal e pleno desenvolvimento das universidades.

É importante salientar que o livro é resultante de um “trabalho de campo”, decorrente da realidade acadêmica em um estudo feito diretamente no processo de desenvolvimento do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da Universidade de Caxias do Sul. Embasado em aprofundado estudo de material bibliográfico e empírico, neste último caso recorrendo à realização de entrevistas e aplicação de questionários aos alunos que estudaram no exterior.

No livro são apontadas as ferramentas mínimas necessárias ao estudante para o sucesso da realização de uma experiência internacional, tais como bom conhecimento dos avanços tecnológicos e dos mecanismos de comunicação e informação, o conhecimento prévio de elementos culturais relacionados ao país escolhido e, é claro, domínio do idioma do país em que a mobilidade será realizada.

Stallivieri expõe que o aproveitamento insuficiente de créditos cursados no exterior e o baixo rendimento estudantil, bem como as falhas na comunicação/adaptação são os principais problemas apontados pelos estudantes. Esses problemas, de modo geral, são decorrentes do insatisfatório domínio do idioma estrangeiro – quando o estudante negligencia sua preparação pessoal e não consegue ler, escrever e falar no nível necessário ao desempenho das atividades acadêmicas; de poucas desenvolvidas habilidades comunicativas – considerando o sentido amplo da comunicação, envolvendo não só a fala, mas também a linguagem corporal e as tradições do povo do país escolhido, bem como dos demais estudantes que normalmente são oriundos de países diversos; ignorância da nova cultura – sobretudo do cotidiano de um “não-turista”, da rotina de um morador comum e da necessidade de quebra de paradigmas. Segundo a autora, esses fatores comprometem os resultados esperados com a mobilidade acadêmica internacional e devem ser combatidos.

Adaptando o ciclo de internacionalização de Knight e de De Wit (2007), a autora propõe um modelo para a internacionalização que envolve seis fases, que devem fazer parte da estratégia da instituição para que ocorram integralmente e com envolvimento da gestão: i) conscientização – das necessidades, dos propósitos e dos benefícios da internacionalização para estudantes, funcionários, instituição e sociedade; ii) comprometimento – da alta administração, do governo, das instituições de ensino, dos funcionários e dos estudantes; iii) planejamento – identificação das necessidades e pesquisas, dos propósitos e objetivos, das prioridades e estratégias; iv) operacionalização – das atividades acadêmicas e dos serviços, dos fatores de organização e princípios

orientadores; v) revisão – avaliação e melhoria da qualidade, verificação do impacto das iniciativas e da implementação da estratégia; e vi) fortalecimento – desenvolvimento de incentivos, reconhecimentos e recompensas para a instituição de ensino, funcionários e estudantes de acordo com o seu grau de participação. Cada uma das fases é explicada por Stallivieri, que reforça a necessidade de uma fase prévia de diagnóstico institucional.

Por fim, o livro é uma leitura obrigatória para pensar as mudanças atuais vivenciadas pelas universidades e sua necessidade de inserção na ciência internacional. Trata-se então de um livro com o foco principal voltado a identificar de que forma seria possível melhorar o desempenho dos alunos nos programas de mobilidade acadêmica internacional, apontando a relevância da preparação linguística e cultural em conjunto com o acompanhamento do estudante antes, durante e depois da experiência vivenciada no exterior. Com isso, é possível afirmar que a obra é uma referência para a implementação da internacionalização nas instituições de Ensino Superior, tratando de todas as fases do processo, de suas particularidades, dos riscos e das dificuldades, destacando as medidas e as necessidades para o sucesso de um programa de mobilidade estudantil internacional.

Recebido em: 04 de maio de 2018.

Aprovado em: 21 de junho de 2018.